



Notas



Ano VI - 2009

Uma história não contada

Uma história não contada

frentar a polícia, praticar com êxito os jogos de azar, a magia, a prostituição, etc.

O vagabundo trata-se de algo um tanto diferente. Como diz essa palavra provençal, trata-se de um servo da gleba fugitivo, sendo "bond" servo da gleba e "vaga" o ato de escape às suas obrigações. Na verdade, podemos crer que, na bacia mediterrânica, os vagabundos precederam aos malandros, com eles mais tarde se juntando; e talvez aceitando a sua liderança para o estabelecimento de regras de um viver comum, ao arripio da lei.

É de entender que a intensa imigração italiana e espanhola no fim da escravidão, os contingentes mediterrânicos que desde o século XVII sempre mereceram destaque no povoamento do Brasil, recebeu notável reforço - o que permite compreender a atualidade das expressões "malandro" e "vagabundo" -, fosse no estertor do Segundo Reinado, fosse no alvorecer da Primeira República. Como foi, portanto, que um termo usado para classificar uma camada social do Mediterrâneo passou então a designar os negros? Certamente o ardor desses últimos na luta pela preservação ou pela afirmação de sua liberdade, desde a agonia do cativo, é que pode explicar não só a proximidade de ideário como até a eventual interpenetração dessas distintas camadas étnicas, que aqui deveriam tender, nas condições brasileiras, para certa homogeneidade social. A navalha do português, ou mais possivelmente do marujo do Mediterrâneo, deve ter-se identificado com o negro livre carregador dos armazéns portuários. Arma passível de rápida desarmarção, podia substituir com êxito o facão e a foice dos distantes canaviais. Assim também a capoeira soube substituir o savate e o varapau. Não é absurdo que a figura do negro amante da liberdade, arreído a entregar-se a um trabalho desqualificante e mal remunerado, se haja associado a rebeldes importados pela imigração descuidada. Mas causa certa estranheza que só ele, o negro, tenha vindo a se caracterizar na Primeira República como o navalhista, o caceteiro, o cafetão e o organizador do jogo de azar.

No entanto, guardadas as devidas proporções, o que ocorria era organizar-se a sociedade com quase cem por cento de negros dedica-

12

AEC

Uma história não contada

frentar a polícia, praticar com êxito os jogos de azar, a magia, a prostituição, etc.

O vagabundo trata-se de algo um tanto diferente. Como diz essa palavra provençal, trata-se de um servo da gleba fugitivo, sendo "bond" servo da gleba e "vaga" o ato de escape às suas obrigações. Na verdade, podemos crer que, na bacia mediterrânica, os vagabundos precederam aos malandros, com eles mais tarde se juntando; e talvez aceitando a sua liderança para o estabelecimento de regras de um viver comum, ao arripio da lei.

É de entender que a intensa imigração italiana e espanhola no fim da escravidão, os contingentes mediterrânicos que desde o século XVII sempre mereceram destaque no povoamento do Brasil, recebeu notável reforço - o que permite compreender a atualidade das expressões "malandro" e "vagabundo" -, fosse no estertor do Segundo Reinado, fosse no alvorecer da Primeira República. Como foi, portanto, que um termo usado para classificar uma camada social do Mediterrâneo passou então a designar os negros? Certamente o ardor desses últimos na luta pela preservação ou pela afirmação de sua liberdade, desde a agonia do cativo, é que pode explicar não só a proximidade de ideário como até a eventual interpenetração dessas distintas camadas étnicas, que aqui deveriam tender, nas condições brasileiras, para certa homogeneidade social. A navalha do português, ou mais possivelmente do marujo do Mediterrâneo, deve ter-se identificado com o negro livre carregador dos armazéns portuários. Arma passível de rápida desarmarção, podia substituir com êxito o facão e a foice dos distantes canaviais. Assim também a capoeira soube substituir o savate e o varapau. Não é absurdo que a figura do negro amante da liberdade, arreído a entregar-se a um trabalho desqualificante e mal remunerado, se haja associado a rebeldes importados pela imigração descuidada. Mas causa certa estranheza que só ele, o negro, tenha vindo a se caracterizar na Primeira República como o navalhista, o caceteiro, o cafetão e o organizador do jogo de azar.

No entanto, guardadas as devidas proporções, o que ocorria era organizar-se a sociedade com quase cem por cento de negros dedica-

12

Materiais protegidos por direitos de autor



"Uma história não contada" sobre la marginación del hombre negro en Brasil. libro: de Escrito por Petrônio Domingues .